

Organização
Lenice Gomes

Ilustrações
Denise Nascimento

AMORES EM ÁFRICA



Apresentação

Lenice Gomes

Apresentar uma obra repleta de amores é coisa para lá de boa, principalmente sabendo que esses amores se embalam na ancestralidade dos relatos e ritmos africanos.

Ler e contar histórias de amor da mãe África é como beber o nutritivo leite da fonte mais pura das tradições, que foram e ainda são um dos alimentos mais plenos e fortes da nossa tradição.

Antes de dar início à leitura das preciosas histórias que aqui serão desfiadas, convido o leitor a, junto comigo, prestar as mais profundas reverências e honras ao continente dos grandes mamíferos, dos belos pássaros, dos baobás, das savanas, dos rios, das selvas; aos povos que nos transmitiram a magia da dança, o poder dos ritmos, a força da memória, a beleza das cores.

E, para anunciar essa reverência, trago as palavras do contador de histórias africano Horácio Santos, o Lalo, nascido em Cabo Verde, que nos ensinou certa vez a primeira frase dita por homens grandes e mulheres grandes e pelos ouvintes antes de se contar histórias. Homem grande e mulher grande são as formas usadas para nomear em Cabo Verde as pessoas de mais idade e com maior experiência de vida que contam histórias e que são respeitadas por sua sabedoria. O homem grande ou a mulher grande clama:

– História, história!





Uma promessa de ouro

Lenice Gomes

Contam que quem mantém uma promessa sempre encontra um pouco de pó de ouro...

No alto de uma colina, vivia o feiticeiro Niame, que reinava num magnífico palácio, que não tinha igual nas outras aldeias. Junto ao palácio havia um lago, e nele o feiticeiro se banhava em noites em que a lua de tão cheia parecia acesa no céu.

Uma paz tecia o palácio como se fosse linho.

Desde pequeno, o feiticeiro Niame aprendeu a sabedoria dos antigos e tinha as habilidades dos melhores guerreiros. Sabia caçar, manejar uma lança com destreza, mas eram os segredos das coisas da terra que o atraíam.

Na paz de seu palácio, era um rei solitário.

Um dia as criadas fiavam conversas e o feiticeiro Niame, ouvindo seu nome, parou e escutou. E o que ouviu o deixou surpreso.

– Bem que o rei Niame poderia casar. Ontem, fui a um casamento na aldeia vizinha – disse uma delas, mostrando um ar de encantamento – e o falatório na festa era sobre o feiticeiro Niame. Diziam que ele já está em tempo e hora de se casar.

– Ah! Na aldeia, as moças morrem de amores por ele – arrematou outra.

O rei solitário, pela primeira vez, desejou casar-se.

Numa manhã, o feiticeiro foi pensar junto ao lago e viu, como num sonho, o reflexo de um bando de moças, que ondulavam cheias de sussurros. Entre elas, uma lhe chamou a atenção, talvez pelo olhar que parecia tão

– Ninguém pode ficar sem beber, sem comer, sem falar!

O rei foi mais além:

– A rainha está morta! Se nenhuma vontade humana é capaz de fazê-la viver outra vez, também nenhuma vontade humana poderá saciar a fome, a sede, a solidão. É uma ordem!

Os sábios novamente se agitaram. O rei levantou a mão e disse, num gesto solene e definitivo:

– Se querem que o rei e o povo recuperem a liberdade, restituam-me a rainha Muhongo, minha cabeça, minha mulher.

Dizendo isso, o rei Kitamba recolheu-se aos seus aposentos, arrastando sua dor e seu enorme vazio, e deixando aos homens mais velhos os problemas e as labaredas do desafio a chamuscar-lhes a cabeça.

Vieram as discussões. A conversa foi longa. Ninguém sabia quanto tempo poderia durar aquela situação. As acácias floriram, espalharam no ar seu perfume e eles ainda não haviam chegado a uma conclusão. Pensaram em depor o rei. Mas um galo cantou aqui, outro ali, e eles ainda não tinham vislumbrado uma solução. Desejaram a guerra, pensaram nas mortes que ela traria. Mas os rios se encheram de *tuqueias*, e eles não sabiam ainda o que fazer. Duvidaram das palavras do rei. Mas os raios de luz riscaram os céus, os trovões ribombaram, a chuva apedrejou os telhados e aqueles homens ainda não podiam se convencer de que a morte tivesse remédio. Até que um deles sugeriu:

– Por que não chamamos um feiticeiro?

Nova discussão se armou. Uns diziam que não poderia ser um homem comum. Outros, que tinha de ser alguém com enorme poder. E outros, que isso ia custar muito dinheiro. Mas, enfim, chegaram a um nome:

– *Ndala!*

Agiram rápido. Mandaram um emissário com o pedido e os presentes: um chifre de palanca real, uma zagaia com ponta de ouro, uma cabaça pintada, um cachimbo estrela, uma muda de panos riscados, vinho de palma, bocados de noz de cola e gengibre. Prepararam também um enorme banquete, com peixe assado na brasa, *funji*, *calulu*, batata-doce, banana seca e *gindungo*. E logo veio o feiticeiro acompanhado da mulher e do filho mais velho. A comida foi servida, a fome foi saciada, e o feiticeiro estava devidamente honrado. Só então, o homem mais velho de todos perguntou:

– Poderás trazer a rainha Muhongo de volta? A alegria do nosso rei e do nosso povo depende disso!

Ndala ficou calado. Um *kimbanda* sempre pensa muito antes de falar. Finalmente, disse:

– *Kalunga* não gosta de negociar... O que ele tomou é dele e ele não costuma devolver... Mas vamos tentar...

